



14.07.2023

Diretor
Filipe Alves
Subdiretores
Lígia Simões
e Nuno Vinha
Diretor de Arte
Mário Malhão

Especial

Caderno publicado
como suplemento
do Jornal Económico
nº 2206. Não pode
ser vendido
separadamente.



Auditoria e Revisão de Contas

■ Mercado continua a mudar devido à crescente regulação e adoção de ferramentas tecnológicas. Auditores começaram a trabalhar a partir de casa na pandemia e têm-se moldado a esta nova realidade. Porém, estudo 'The Future of Audit' concluiu que 93% dos 500 inquiridos consideram que a indústria ainda tem de passar por reformas.

**Profissionais
querem mais
auditorias a produto
e serviços
não financeiros**

Análise ■ P.2-3

Luís Gaspar.
“A tendência de
concentração no mercado
de auditoria vai manter-se”

Entrevista ■ P.4-5



**Bastonário alerta
para necessidade
de auditores
com múltiplas
competências**

Ordem ■ P.6

**O que esperam
para o último
semestre
de 2023
nesta área?**

Tema ■ P.8-10

Editorial

O grande desafio: saber atrair e reter os melhores



Filipe Alves

falves@medianove.com

À semelhança do tecido empresarial que serve, o mercado de auditoria e revisão de contas português conta com muitas sociedades de pequena dimensão. Mas o sector depara-se com um conjunto de desafios que irão conduzir a uma cada vez maior concentração, como crescentes exigências regulatórias, a necessidade de investir em novas tecnologias e a competição pelo talento. Sem prejuízo de continuar a existir lugar para sociedades de menor dimensão, a tendência dominante será no sentido de movimentos de consolidação que criem players que sejam capazes de endereçar estes e outros desafios.

Porém, diria que de todos os desafios que o sector enfrenta, o talento será o que mais importância nos próximos anos. As firmas que forem capazes de atrair e reter os melhores profissionais serão aquelas que conseguirão sobreviver. E porquê? Destaco duas razões.

A primeira é a necessidade de saber construir relações de confiança com os clientes. Um bom profissional não é apenas um bom técnico, é também uma pessoa que tem inteligência emocional e capacidade de construir relações de confiança duradouras com os clientes e outros stakeholders. A segunda é a importância de saber tirar proveito das novas soluções tecnológicas. Após pouco tempo, passado o choque inicial, todos os players têm acesso a uma nova tecnologia. O que faz a diferença é a capacidade de saber tirar o maior proveito dessas soluções. E também para isso é preciso ter bons profissionais

Profissionais querem mais auditorias a produtos e serviços não financeiros

Análise ■ Relatórios de risco climático ou diversidade ou inclusão são documentos que os auditores almejam que pesem mais no seu trabalho, tendo a tecnologia como aliada.

Mariana Bandeira

mbandeira@medianove.com

O mercado de auditoria e revisão de contas continua em profunda transformação, porque apesar de a profissão ter nascido há pouco mais de meio século, nunca, como nos últimos dois-três anos, se tinha confrontado com conceitos e formas/ferramentas de operar como o teletrabalho ou o ChatGPT.

Segundo um estudo internacional da Mazars, mais de 90 (96%) das empresas participantes, deste sector, esperam que os auditores ampliem o seu leque de serviços, uma vez que a conjuntura socioeconómica é exigente e obriga a uma reinvenção da auditoria, associada às expectativas dos clientes, das pessoas e às mudanças regulatórias, mas também aos efeitos da revolução digital.

O relatório "The Future of Audit" (2021), que envolveu entrevistas a 501 representantes de organizações desta área em doze países, concluiu ainda que cerca de 93% acham que o mercado deve mesmo sofrer uma reforma -

198

Número de sociedades de revisão de contas registadas em Portugal, de acordo com o relatório de gestão e contas da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas (2022)

96%

Percentagem das empresas no mercado que esperam que os auditores ampliem o seu leque de serviços, segundo as conclusões do estudo "The Future of Audit" elaborado pela Mazars



ISTOCK

aliás, quando questionados sobre a necessidade dessa mudança, 64% responderam “sim, absolutamente” e perto de um terço (29%) “sim, provavelmente”.

É, por exemplo, o que está a tentar fazer a gigante EY com a tentativa de separação (*spin-off*) das áreas de auditoria e de consultoria. Apesar de o plano ter ficado na gaveta em abril, devido a conflitos internos com a intenção da empresa, o mercado acredita que esse desfecho será uma questão de tempo. Resta saber se as principais concorrentes seguirão essas pisadas.

“A profissão de auditoria mantém-se altamente relevante para o interesse público, sendo essencial para a adequada tomada de decisão dos utentes das demonstrações financeiras, esperando-se que esse papel se acentue com o aumento da complexidade das organizações e da exigência do público em geral”, considera, em declarações ao Jornal Económico (JE), Pedro Pais, sócio da GPA - Garcia Pais & Associados SROC.

Todavia, o *partner* desta empre-

sa portuguesa de auditoria, assessoria fiscal e consultoria diz que a “atratividade da profissão para as novas gerações tem vindo a diminuir” devido às alternativas de percursos profissionais “que se afiguram como mais interessantes, com melhores perspectivas remuneratórias e sujeitas a menor regulação e escrutínio”. Então, Pedro Pais refere que “a atração e retenção de talentos é um desafio de grande importância”, embora aqui a digitalização possa ter um papel importante enquanto “poderoso aliado”, crê. Isto porque permite que se foquem noutras tarefas menos enfadonhas.

Aí volta a entrar o tema do ChatGPT, que ainda não é comum nesta área, mas tem (quase) tudo para o ser. Num artigo de opinião publicado no LinkedIn, Andre Jacobs, da tecnológica Impact.com, conta como testou esta aplicação da OpenAI no processo de auditoria e revisão de contas, expondo as oportunidades e alertando para os riscos da mesma. Por exemplo, pode ser um aliado na investigação técnica contabilística (IFRS etc.), resumindo determinadas normas ou respondendo até a perguntas técnicas mais específicas com os detalhes das sanções, avaliação da eficácia dos planeamentos dos auditores, apresentação de recomendações, entre outros. Algo é certo: não substituir o olho de lince do auditor e ROC que se segue a este processo.

O bastonário da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas (OROC), Virgílio Macedo, defende ao JE que a própria forma “como se ministra a formação evoluiu e tem de ser adaptada às novas gerações por forma a cativá-las, recorrendo cada vez mais a novas ferramentas tecnológicas”, das quais são exemplos vídeos ou tutoriais temáticos, “disponíveis quando é efetivamente necessário e quando venha a ser utilizado, promovendo igualmente uma formação cada vez mais interativa” [ver pág. 6]

De acordo com o estudo da Mazars, 87% dos inquiridos mostraram-se ainda favoráveis a que a auditoria que se estenda a novas áreas, como relatórios não financeiros, de risco climático, diversidade de género, direitos humanos, que mais de 70% (75%) da amostra considera “muito importante” auditar.

João Cruzeiro
Sócio - Revisor
Oficial de Contas



A gestão da qualidade na auditoria é crucial para a confiança no trabalho do auditor

A atração e a retenção de talento são um dos grandes desafios para as empresas em geral, mas especialmente no sector da auditoria. O é preciso fazer para conseguir atrair talento para o sector?

O mercado de trabalho evoluiu muito nos últimos anos, com novas áreas de trabalho atrativas para quem entra no mercado de trabalho, ou para quem já possui experiência e está disposto a aceitar novos desafios profissionais. A pandemia trouxe o teletrabalho, e hoje é corrente o trabalho a partir de um local para outro qualquer sem ter deslocções, com melhores rendimentos e menos encargos, resultando numa redução dos recursos disponíveis.

O departamento de RH da ORA tem uma atividade muito intensa para conseguir atrair novos colaboradores e manter os atuais. A melhoria das condições salariais é fundamental, mas não é suficiente. É necessário criar dinâmicas com os colaboradores, como atividades de convívio, participação em projetos internos de trabalho que permitam o desenvolvimento de novas competências, ações de formação, entre outras.

A ORA tem vindo a aumentar progressivamente o seu número de colaboradores (atualmente perto de 100, incluindo sócios), pelo que os desafios nesta área são muito exigentes.

Existe cada vez mais exigência no sector da auditoria, com a entrada em vigor do ISMQ 1 e a ISQM 2. Que desafios coloca esta exigência?

A gestão da qualidade na auditoria é crucial para a confiança que os agentes económicos depositam no trabalho do auditor. Padrões elevados de qualidade tornam a certificação legal das contas num documento relevante para a tomada de decisões. A CMVM posicionou os critérios de qualidade num nível muito elevado, difícil de cumprir para muitos revisores oficiais de contas. É necessária uma estrutura de RH adequada para dar resposta a todas as exigências. Na ORA temos colaboradores dedicados à

gestão da qualidade, garantindo que uma certificação legal das contas só é emitida se o trabalho desenvolvido cumprir com todos os normativos em vigor.

Quais são os outros grandes desafios que o sector enfrenta neste momento?

Os principais desafios são o cumprimento da regulamentação profissional e dos normativos de auditoria, e o funcionamento do mercado. Continuam a praticar-se honorários desadequados à complexidade dos trabalhos, que apenas se conseguirá resolver se os profissionais se recusarem a aceitá-los. Infelizmente, o Estado não dá o melhor exemplo, ao apresentar concursos públicos com honorários absolutamente insuficientes para a complexidade e responsabilidade dos trabalhos.

Temos expectativa de que o reforço da regulamentação profissional vá levar a uma melhoria dos honorários, porque gradualmente todos os profissionais vão chegar à conclusão que é inviável continuar a praticar valores desadequados no contexto atual da profissão. A fusão de sociedades de menor dimensão deverá ser uma via a seguir.

Nestes tempos conturbados, como é que a Oliveira, Reis e Associados, SROC perspetiva o futuro?

Manter o elevado nível de rigor profissional, ético e deontológico: são estes os princípios que pautam a atividade da ORA. O cumprimento destes objetivos é crucial para mantermos a nossa posição atual no mercado de auditoria. Crescer de forma equilibrada e sólida, como tem acontecido nos últimos anos, é fundamental para o cumprimento destes objetivos. Consideramos que a nossa estrutura se encontra apta para enfrentar os desafios da profissão.

Entrevista Luís Gaspar ■ O líder da Mazars em Portugal acredita que a multidisciplinaridade - com o surgimento de firmas que oferecem serviços jurídicos juntamente com auditoria e consultoria - será uma “transformação inevitável”. A Mazars está a crescer a dois dígitos ao ano e está aberta a oportunidades para crescer por aquisições, num sector com muitas pequenas firmas.

“A tendência de concentração no mercado de auditoria vai manter-se”

Filipe Alves
falves@medianove.com

Em entrevista ao Jornal Económico, o country managing partner da Mazars em Portugal fala da estratégia da firma de auditoria e consultoria, que registou uma faturação recorde no último ano fiscal. Luís Gaspar afirma que a estratégia não assenta apenas no crescimento orgânico: em 2022, a Mazars adquiriu uma sociedade de revisores oficiais de contas sediada em Leiria e continua aberta a novas oportunidades de crescimento por aquisição, até porque, acredita, a tendência para a concentração no sector em Portugal vai continuar. Para o futuro, um dos temas que estão em cima da mesa é o da multidisciplinaridade, que Luís Gaspar considera “uma transformação inevitável”.

Que balanço faz da atividade da firma em Portugal no último ano?

A Mazars continua a crescer. No ano fiscal 2021/2022 a Mazars em Portugal atingiu um crescimento significativo a dois dígitos nas suas várias áreas de negócio, com um volume de faturação de quase

15 milhões de euros, reforçando e consolidando a sua posição no mercado como uma das principais firmas de auditoria, fiscalidade e consultoria. Estes valores estão em linha com resultados recorde alcançados a nível global: uma evolução positiva a dois dígitos (16,4%) e um volume de faturação total de 2,45 mil milhões de euros.

Face às imposições de uma supervisão ainda mais exigente e ao facto de contarmos em Portugal com um grande número de Sociedades de Revisores Oficiais de Contas (SROC) de pequena dimensão, a tendência de concentração no mercado de auditoria vai manter-se. Por exemplo, no ano passado realizámos a aquisição de uma SROC localizada em Leiria para reforçar a nossa posição na região, e estamos abertos a outras operações se a oportunidade surgir. A estratégia de crescimento é diversificada.

Quais as áreas com maior crescimento?

Estamos a crescer por várias vias. A Mazars em Portugal cresceu em todas as áreas de negócio e nas várias geografias onde se encontra presente (temos escritórios em





Face a uma supervisão ainda mais exigente e ao facto de haver um grande número de SROC de pequena dimensão, a tendência de concentração vai manter-se

Já trabalhamos atualmente com várias sociedades de advogados. Não tomamos nenhuma decisão sobre a multidisciplinaridade mas acreditamos que esta é uma transformação inevitável

Lisboa, Porto e Leiria). Crescemos na Auditoria, quer em Financial Services, quer em Indústria e Serviços, no Tax e no Outsourcing. Crescemos em todas as áreas de negócio e de suporte, assentes nas exigências do mercado (e do regulador) e nas necessidades dos clientes, investindo e procurando disponibilizar novas competências para áreas que apresentam um elevado grau de especificidade. Sempre com o objetivo final de alargar o nosso leque de serviços e produtos e robustecer a nossa oferta. Diria que não crescemos tanto quanto poderíamos em determinadas áreas, pela perda de atração da profissão e consequente dificuldade na aquisição de talento – uma problemática que é, hoje, transversal ao mercado e que precisa de reflexão e ação de todos os agentes. Ainda assim, integramos uma equipa de Incentivos, não só fiscais como também financeiros, e investimos numa nova área – a da Sustentabilidade com uma equipa dedicada, uma oferta que já existia no grupo, mas que não oferecíamos ainda em Portugal. Em termos estratégicos, a ideia é estarmos alinhados com o grupo e oferecermos no mercado nacional tudo aquilo que a Mazars oferece a nível global.

E quanto a este ano, o que espera em termos de atividade?

A expectativa é de consolidação do crescimento alcançado para o que resta do exercício fiscal 2022/2023 – para a Mazars este termina a 31 de agosto de 2023. Estamos neste momento a finalizar o nosso plano estratégico para o exercício fiscal 2023/2024, na certeza de que haverá clareza no caminho a seguir. A meta que já conseguimos antecipar é de consolidação do crescimento registado no último ano. Esta capacidade de crescimento, quer pela via de desenvolvimento de novas competências, serviços e produtos, quer através da conquista de novos projetos é, de resto, fundamental perante um mercado que vai certamente continuar a ser marcado pela concentração. Temos de assegurar a capacidade de entregar e responder a múltiplas exigências, do ponto de vista das solicitações de clientes e do que é requerido pela supervisão, integrando novas respostas numa visão mais ampla daquilo que podemos e queremos ser.

A multidisciplinaridade está em cima da mesa. Crê que a nova lei vai permitir que firmas como a vossa reforcem a oferta de serviços?

Será positiva para os clientes?

Quando falamos da questão da multidisciplinaridade na Mazars falamos essencialmente do Legal, área onde ainda não acompanhamos o Grupo.

Já trabalhamos atualmente com várias sociedades de advogados, particularmente no que está relacionado com a área de Advisory. Não tomámos até agora qualquer decisão relativamente a esta questão. Mas acreditamos que esta é uma transformação inevitável. Perspetivamos, numa primeira fase, uma solução na Mazars que deverá passar por conseguir complementar alguns serviços que já disponibilizamos. Ainda estamos a avaliar de que modo esta abordagem pode ser exatamente estruturada, mas teremos certamente uma resposta a este nível quando esta área tiver o seu devido enquadramento em Portugal.

Vão reforçar a equipa até ao final do ano?

A perspetiva da Mazars é de permanente reforço de equipas e desenvolvimento das competências presentes nas nossas diferentes áreas de atividade.

O contexto é de enorme desafio, face à transformação das necessidades e objetivos de uma nova geração de profissionais a ingressar no mercado de trabalho e a uma consequente concorrência acrescida na aquisição de talento; desafio para o qual todos os stakeholders no mercado, mais até do que as próprias firmas, têm de conseguir encarar criticamente e para o qual devem definir estratégias devidamente pensadas.

Vemos a Mazars como a melhor escola de gestão e constatamos que a experiência global e possibilidade de evolução apresentadas às nossas Pessoas são a base para nos escolherem. O que nós estamos a procurar fazer é tornar a atividade na Mazars ainda mais interessante.

A nossa aposta é na preparação das nossas Pessoas, melhorando continuamente tudo o que tem a ver com os processos de Recursos Humanos e providenciando formação intensa ao nível da liderança. Acreditamos que vamos cada vez mais conseguir reter o talento de que necessitamos para dar resposta aos nossos clientes.

Reshaping business.™

Somos focados nos nossos clientes e nos seus desafios e expectativas.

Conhecemos a atividade das organizações que servimos, somos ávidos de conhecimento, e mais ainda de o transformar em valor efetivo para os nossos clientes.

A nossa proximidade e disponibilidade distingue-nos e é partilhada pelas nossas equipas.

Audit | Tax | Advisory
www.dfk.pt



A DFK ISP SA é membro da Associação DFK Portugal, national member da DFK International.



FOTO CEDIDA

Bastonário alerta para necessidade de auditores com múltiplas competências

Ordem ■ O Bastonário da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas, que está no cargo desde o final de 2020, garante que a formação dos profissionais têm de abranger 'Big Data'.

Mariana Bandeira
mbandeira@medianove.com

O bastonário da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas (OROC) é defensor de uma transversalidade de conhecimento por parte dos auditores nos dias de hoje. Num contexto de elevada concorrência, alterações de estatutos da profissão e desenvolvimento da economia digital, Virgílio Macedo crê que estes trabalhadores liberais têm de se adaptar. "A formação dos futuros auditores, ou melhor, as competências necessárias para a função de

auditor vão além das estritamente relacionadas com auditoria. O auditor não deve suportar-se apenas no conhecimento em matérias fundamentais de auditoria como, por exemplo, a metodologia de auditoria, as técnicas de definição e seleção de amostras, a formulação de conclusões e a emissão dos respetivos relatórios", começa por explicar ao Jornal Económico (JE).

A seu ver, "o auditor deve também promover o conhecimento tecnológico, o manuseamento da informação num contexto de transformação digital, com a capacidade de análise de gran-

des volumes de dados (Big Data e soluções de Inteligência Artificial), a diversificação e flexibilização dos meios de formação e o alinhamento ou conhecimento de matérias transversais".

A ideia de adaptabilidade ao panorama atual deve até incluir subidas nos preços para que cada um destes negócios, independentemente da sua dimensão, continuem sustentáveis a nível financeiro. "A inflação também tem consequências na necessidade de ajustamento dos salários dos colaboradores, para que estes possam ter alguma recuperação no poder de com-

pra, podendo não ser um efeito indutor de inflação, já que estatisticamente os aumentos têm sido inferiores à própria inflação, não deixam de ser também uma contribuição para a pressão sobre os custos das empresas", diz o bastonário. "Neste sentido, os auditores não estão imunes a estas consequências, existindo necessidade de repercutir esses agravamentos de custos junto dos respetivos clientes a que prestam este serviço, sob pena de não assegurarem a sua sustentabilidade", afirma ao JE.

Questionado sobre o aproximar-se da chamada *silly season* e quais os dossiês prementes a resolver até lá, o bastonário da OROC recusa usar a expressão, uma vez que, para muitos destes trabalhadores, o significado dessa época "tende-se a esbater" devido ao elevado número de solicitações dos clientes, que exigem a sua intervenção imediata.

"Em causa estão os trabalhos de validação dos PRR e outros similares para validação de mapas de despesas para outros programas de apoios governamentais ou comunitários assim como trabalhos de procedimentos intercalares de auditoria em muitas empresas de média e grande dimensão", enumera Virgílio Macedo.

Virgílio Macedo diz ainda que os auditores "não estão imunes" aos efeitos da inflação e precisam de "repercutir esses agravamentos de custos" aos clientes a quem prestam serviços

SOMOS



EXI GEN TES



EXA GE RA DOS



EXTRA VA GAN TES



OBCE CA DOS

QUANDO SE TRATA DE OFERECER SERVIÇOS DE QUALIDADE.

QUEREMOS PROPORCIONAR-LHE UM DIA-A-DIA CONFORTÁVEL, COM BOAS EXPERIÊNCIAS E MOMENTOS DE FELICIDADE NO LOCAL DE TRABALHO.

FICAMOS FELIZES SEMPRE QUE ESCOLHER FICAR CONNOSCO.



TAGUSPARK.PT



Políticas de RH e sustentabilidade são essenciais para o sucesso do negócio

Fórum ■ Entre os especialistas de auditoria financeira, auditoria interna ou revisão de contas, há a convicção de que a trajetória que se tem vindo a verificar deste janeiro manter-se-á nos próximos meses. Para tal, é preciso investir em ESG e na retenção de talento, que cada vez mais procura o teletrabalho. **Por Mariana Bandeira**

1. O que esperam para o último semestre de 2023 nesta área?



Hugo Salgueiro

Presidente do Conselho de Administração da DFK Portugal

■ Os desafios que as firmas de auditoria enfrentam, nomeadamente as de pequena e média dimensão, centram-se essencialmente em três vetores essenciais: a) continuar a dar resposta a um nível de qualidade elevado nos trabalhos e no valor acrescentado para os nossos clientes, em contraponto com a diminuição dos honorários que os mesmos estão dispostos a pagar – facto que ganhou particular relevância tendo em conta as contingências económicas e sociais atuais do país; b) o recrutamento e retenção de talento – a adaptação de políticas de RH, de metodologias de trabalho (por exemplo: teletrabalho em auditoria) e a capacidade de tornar a profissão de auditor atrativa para os recém-licenciados; c) a capacidade de investimento em áreas como a sustentabilidade, a transformação digital e ferramentas de compliance robustas – investimentos estes que não se prendem apenas com o facto de nos posicionarmos perante a concorrência mas porque são, atualmente, exigências inequívocas das entidades reguladoras. Os desafios e os aspetos acima referidos não são propriamente metas para o próximo semestre, mas sim drivers essenciais para a sustentabilidade, crescimento e dignificação da profissão. São investimentos que não estão acessíveis a todos, sobretudo se não forem planeados de forma concentrada e solidária, entre os vários players do mercado. Defendo que concentrações empresariais e outras formas de

associação entre ROCs e firmas de auditoria, serão um caminho essencial para o cumprimento dos objetivos e desafios que enfrentamos. Na DFK Portugal, temos seguido este caminho desde 2020, tendo culminado com a criação da Associação DFK em Portugal em 2022 que conta atualmente com 4 associados, bem como com a distinção como National Member da DFK Internacional. Além das vantagens imediatas, como a harmonização de políticas e procedimentos entre as várias entidades, a partilha de conhecimento, recursos e ferramentas, temos como principal objetivo para 2023, a concretização de investimentos relevantes no sentido de tornar a DFK Portugal num verdadeiro centro de excelência.



Paulo Paixão

Head of Audit & Assurance da KPMG Portugal

■ Temos boas perspetivas de evolução do setor neste último semestre do ano. A auditoria atravessa um período vibrante nomeadamente decorrente da crescente transformação tecnológica das empresas e dos próprios procedimentos de auditoria suportados por tecnologia, bem como da crescente luta por talento. Estas são mudanças muito positivas, que irão intensificar-se nos próximos anos, e que contribuirão para uma ainda maior segurança e fiabilidade do setor, demonstrando a importância da auditoria para o desenvolvimento de uma economia mais aberta, mais digital, mais sustentável e mais transparente. Haverá também uma aposta e investimento cada vez maior na formação e capacitação dos profissionais do setor. Esta é uma área que na KPMG Portugal acreditamos ser fundamental para a evolução da auditoria, promovendo a atratividade da profissão de auditor. É um tema que importa endereçar junto

das instituições de ensino e dos jovens e que é fulcral para a sustentabilidade do setor.

Adicionalmente, entendemos como fundamental a promoção do mercado de capitais e a internacionalização da nossa economia em sectores de elevado valor acrescentado e para tal é fundamental que o mercado perceba e valorize a importância da auditoria na criação das condições de confiança essenciais nomeadamente para a atração de investimento estrangeiro. A KPMG Portugal tudo fará para ser um agente ativo de confiança e promoção do país. A KPMG está comprometida em contribuir diariamente para a promoção de uma visão de longo prazo para o setor e para a construção da auditoria do futuro: credível, inovadora, tecnológica e cada vez mais eficiente.



José Rebouta

Partner e co-responsável de Indústria e Serviços de Auditoria da Mazars

■ Os desafios para a auditoria na segunda metade do ano estão em linha com aquela que tem sido a evolução no período mais recente. O mundo evoluiu para um mercado global e informado, com consumidores exigentes e sofisticados, colaboradores preparados, centros de competências partilhados, uma nova organização do trabalho, shareholders influentes... tudo isto contribuindo e exigindo uma melhor corporate accountability. O paradigma é ainda influenciado por uma opinião pública atenta e reguladores vigilantes, com

adicionais exigências de conteúdo e relevância da informação financeira e não-financeira. Neste cenário, as empresas surgem como um poderoso motor de criação recorrente de riqueza e mobilização de recursos, sendo decisivo para o ciclo de confiança a manutenção do compromisso de toda a comunidade – empresa e stakeholders. O ROC tem como missão servir o interesse da comunidade, assegurando este ciclo de confiança, através do contínuo fortalecimento da contabilidade e do relato financeiro e auditoria, pela adesão a normas profissionais robustas e de elevada qualidade, impulsionando a convergência internacional das mesmas e manifestando-se em assuntos de interesse público onde os conhecimentos da profissão são relevantes para o desenvolvimento de empresas e economias fortes. As expectativas em relação às empresas vão para além do

desempenho financeiro e o papel dos ROC vai cada vez mais além da transparência financeira. Neste contexto, a missão principal de uma firma como a Mazars nunca foi tão premente, reafirmando o compromisso, como auditores e consultores de referência, de ajudar ao crescimento sustentável e perene dos clientes. À atividade da auditoria adicionam-se domínios de importância crescente, que incluem o digital e os processos de transformação associados a tecnologias emergentes, exemplo da analítica de informação e dados e da inteligência artificial. Uma dinâmica que exige especialização, sustentada em equipas dedicadas a áreas de intervenção como a digitalização, os criptoativos, a cibersegurança ou a sustentabilidade. Poder contar com Pessoas e equipas tecnicamente habilitadas e aptidões específicas é, hoje, um fator crucial à gestão, atração e retenção de talento no setor. A aposta no talento é crucial para os desafios da Auditoria. A tendência

de eliminação de muito do trabalho de menor valor acrescentado aos processos permitirá atrair gerações que pretendem um work-life balance distinto. É um desafio e uma oportunidade. O segundo semestre de 2023 continuará a ser de compromisso, investimento e accountability. Um ROC deve estar consciente do seu papel, praticá-lo com orgulho, humildade, competência e dimensão, integridade e consciência. Isto faz-se com empenho pessoal muito forte, no respeito das regras e normativos, no desenvolvimento de indivíduos e de equipas, na necessária adesão a valores e condutas comuns. Integridade, transparência e competência são definições de um bom ROC e uma boa firma de auditoria.

PUBLICIDADE

RSM & Associados – Sroc, Lda.

Sociedade de Revisores Oficiais de Contas



AUDIT | TAX | CONSULTING

Sede

Avenida do Brasil, 15 - 1º
1749-112 Lisboa
Tel: (+351) 21 355 35 50

E-mail: geral.lisboa@rsmpt.pt

Rua da Saudade, 132 - 3º
4150-682 Porto
Tel: (+351) 22 2074350

E-mail: geral.porto@rsmpt.pt

Inscrita na OROC sob o nº 21
Inscrita na CMVM sob o nº 20161380
www.rsmpt.pt



Fátima Geada

Presidente do Instituto Português de Auditoria Interna

■ A auditoria interna está sujeita a diferentes desafios, dos quais destacamos: o processo de transposição da regulamentação relativa aos três pilares do Environment, Social and Governance (ESG) para a legislação portuguesa e a sua aplicação no seio das organizações, bem como o calendário instituído para a sua implementação em termos de reporting, constitui um desafio significativo não só para o setor financeiro e segurador, mas também para a empresas cotadas e a breve prazo os restantes setores empresariais. O calendário previsto para a CSRD Corporate Sustainability Reporting Directive preconiza que as empresas reportem o impacto das suas atividades no ambiente e sociedade e requer a verificação em sede de auditoria da fiabilidade da informação reportada. O objetivo último é ter a Europa como o primeiro continente neutral ambiente até 2050. O CSRD altera a Diretiva de Reporte de informação Não Financeira (NFRD), a Diretiva de Transparência e a Diretiva de Auditoria e deverá estar transposta para os Estados-membros até 6 julho de 2024, sendo o primeiro reporte CSRD efetuado em 2025, sobre o exercício financeiro de 2024, para as empresas já sujeitas à NFRD. As empresas obrigadas a reporte são as grandes empresas, PME da UE com valores admitidos à negociação (em 2027, sobre exercício financeiro de 2026) e empresas fora da UE com filiais na UE (2029 sobre exercício financeiro de 2028). O relato de sustentabilidade deve ser integrado no relatório de gestão e ser produzido em formato eletrónico com comunicação de informações, das quais se destacam: a política de sustentabilidade, due diligence da cadeia de valor, conhecimentos, competência dos administradores, volume de

negócios, capex e opex e descrição dos principais riscos ESG e qual a forma de resposta a esses riscos, explorando indicadores que relevem o risco não financeiro e adequação do modelo de gestão de risco. O risco não financeiro é uma área ampla, complexa e holística, onde os riscos ainda não estão devidamente considerados nas organizações, colocando-se a este nível várias questões para reflexão: de que forma os atuais modelos de gestão de risco (ERM- Enterprise Risk Management) estão preparados para dar resposta? Será que neste âmbito a Auditoria Interna poderá providenciar inputs relevantes, dado o seu conhecimento das organizações, bem como no âmbito de novas medidas e opções a adotar como mitigadoras dos riscos? Porquê este novo desafio para a auditoria interna? A auditoria interna tem uma visão especializada, técnica e holística das organizações, nas suas múltiplas facetas, incluindo as ameaças e oportunidades a que as empresas estão sujeitas, podendo constituir um interessante interveniente e desempenhar um relevante papel, assegurando um papel crítico relativo à conformidade e fiabilidade da informação não financeira disponibilizada pelas organizações. A auditoria interna pode vir a ter aqui um papel único potenciado em termos de governação das empresas, com a criação da Comissão Especializada de Sustentabilidade e decorrente das suas características de objetividade, garantia e independência. A articulação entre auditoria interna, Comissão de Auditoria, Comissão de Sustentabilidade poderá ser uma forma eficaz de trazer para o topo das organizações as preocupações de ESG e colocá-las no âmbito das discussões estratégicas no seio dos Conselhos de Administração. No decurso do quarto trimestre deste ano iremos ainda depararmo-nos com alterações no âmbito das Normas Profissionais da Profissão de Auditor Interno, as IPPF do IIA (Institute of Internal Auditors) irão passar a GIAS, com a necessidade de atualização dos conteúdos das certificações profissionais. O reenquadramento das GIAS irá

ter em conta as seguintes alterações, cujas propostas estiveram já em consulta pública: nome, estrutura, novas seções em cada standard, propósito para AI, domínios em termos éticos e profissionais, domínios de governo e standards com clarificação de termos na governação de AI, novos requisitos para o QAIP (Quality Assurance Improvement Programme, no que concerne às competências requeridas na equipa de revisão e uma atenção especial ao sector público, com um processo rigoroso e um foco acrescido nos respetivos stakeholders. No que concerne ao glossário surgirão também novos termos e clarificação de outros, como condição, risco inerente, residual, tolerância. Naturalmente, a estes desafios de carácter da envolvente regulatória, crescem os que assumem cada vez maior relevância, em termos de monitorização e que decorrem do acompanhamento dos respetivos riscos: de cibersegurança, de "data privacy", a necessidade do auditor robustecer as suas competências mais focadas na utilização de tecnologias de data analytics, um acréscimo significativo e cada vez mais complexo de "Regulatory and Compliance", o que obriga a um esforço adicional de acompanhamento de toda a dinâmica regulatória por parte do auditor. O auditor deverá ter cada vez mais um alinhamento estratégico colaborativo, de consultor e de "advisory" das organizações, mantendo sempre o pilar da função - "a independência". O IPAI - IIA Portugal, convicido dos desafios que são colocados à profissão, vai realizar nos dias 12 e 13 de outubro a sua conferência anual, com relevantes contributos de oradores nacionais e internacionais, onde temas como o ESG, as GIAS e outros temas serão abordados e discutidos, tendo também como intervenientes os reguladores e administradores de diferentes organizações e empresas. Deste modo, o IPAI - IIA Portugal, procura contribuir para a sensibilização e alinhamento dos auditores, através de uma jornada profícua de troca de experiências, entre auditores dos diferentes setores de atividade, mas também proporcionando um contributo efetivo para

demonstrar a relevância da profissão junto das administrações, salientando-se no dia 13 de outubro o Fórum de Administradores, a conferência terminará com a intervenção do representante do Tribunal de Contas.



Paulo André

Partner da Baker Tilly

■ Primeiro, os desafios no processo de recrutamento: modelo de trabalho à distância/físico/híbrido; falta de interesse pela área de auditoria (elevada carga de trabalho / elevado nível de exigência); maior procura de profissionais para áreas financeiras não auditoria com salários mais apelativos; pessoas com competências em áreas mais tecnológicas sendo esta uma exigência cada vez maior numa área de auditoria. Depois, a retenção de talento: equilíbrio de vida pessoal vs trabalho; team building; poucos candidatos para muito procura (mercado muito concorrencial); pacotes salariais atrativos. Segue-se a implementação de planos de formação em matérias tradicionais, mas também em data analytics, business intelligence, bem como consolidação da implementação do ISQM, integração de experts em áreas tecnológicas nas equipas de auditoria e consolidação de um departamento específico para auditoria e 'compliance'. Entre os principais desafios da atividade está atividade mais exigente e com mais risco: maior risco associado a períodos de crise económica. Pode causar imparidade de ativos e pôr em causa a continuidade das operações. Segundo, ganhar dimensão / concentração no mercado é crítica e capacidade de refletir os esforços adicionais que as auditorias envolvem, no preço dos serviços. Além disso, a retenção de talento, porque mais do que reter pessoas é reconverter as mentalidades e melhorar as formas de trabalhar (incrementando a comunicação

com o cliente). Formação em Tecnologias da Informação e em análise de dados (saber interpretar os dados contabilísticos, financeiros e operacionais). Mais: aumento substancial de leque de responsabilidades atribuídos aos auditores, gestão das oportunidades e transformação num mercado cada vez mais dinâmico, acompanhamento de alterações ao nível de legislação, concorrer com operadores de mercado de reduzida dimensão e estrutura em preço e captar jovens interessados em investir na sua carreira em auditoria. Realço ainda o trabalho com clientes que não estão fisicamente presentes nos seus escritórios. O teletrabalho fez com que as equipas de auditoria se comesçassem a adaptar a novas formas de auditar clientes, sem estar fisicamente presentes. Uso de ferramentas digitais, com reuniões virtuais e partilha de documentos de forma virtual - efetuar visitas virtuais aos clientes, com reuniões, trabalhos de walk-through a processos e procedimentos virtuais, visitas a instalações fabris virtuais, contagens físicas virtuais (usando ferramentas digitais - Teams, filmagens, telemóveis, etc.). Estamos otimistas, porque fazemos parte duma rede internacional que nos permite chegar a grandes grupos internacionais que exigem auditores também internacionais, temos uma equipa dinâmica exigente e sempre com vontade de crescer, temos as ferramentas adequadas e reconhecidas no mercado e seguimos uma metodologia internacional de trabalho, estamos na lista dos top mundial auditoria no Top 10 de auditores o que nos permite ter diversas oportunidades de apresentar os nossos serviços e de apresenta propostas que deem respostas às necessidades dos nossos clientes.

Opinião

Números que contam histórias


Raquel Neves

Senior Manager & Business
Leaders de Auditoria
da DFK Portugal

Temos a sorte de fazer parte de uma geração que participa, assiste e influencia um contexto de mudança. Se é verdade que com o passar dos anos a mudança é sempre mais acelerada, é também verdade que nos anos mais recentes a pandemia, o contexto de guerra na Europa e consequentes alterações na cadeia de abastecimento, o crescimento da Inteligência Artificial e o alerta das alterações climáticas vieram alterar as variáveis e prioridades das nossas organizações. Nomeadamente as preocupações com a sustentabilidade nas suas diversas dimensões.

Todos nós, individualmente e nas organizações onde trabalhamos, ou com quem trabalhamos, estamos mais alerta para as preocupações de sustentabilidade, sejam de ordem social ou ambiental. E ainda bem.

Assim, terá a sustentabilidade financeira passado para segundo plano? A resposta é “não”. Continua a ser tão relevante quanto era, simplesmente deixou de ser o único, ou o foco principal das empresas. Estas pensam agora muito mais a longo prazo do que a curto prazo. Medem o impacto do que

fazem no futuro, e porque o fazem, são muito mais responsáveis sobre si mesmas, e sobre os problemas sociais (locais e globais).

Qual é então, o papel da sustentabilidade financeira das organizações? É assegurar que as organizações são viáveis financeiramente. Que são responsáveis e sustentáveis. Que as suas práticas (financeiras) estão conforme os regulamentos e as normas, e traduzem de forma transparente a atividade da organização.

A auditoria financeira aumenta a fiabilidade da informação financeira reportada pelas entidades, permitindo que os utilizadores dessa informação tenham uma base mais credível e sustentada na sua tomada de decisão. Transforma os números numa história, uma história que conta a vida da empresa. E ajuda com essa história a conhecer e compreender a empresa, e tomar decisões sobre a mesma.

A auditoria financeira focada nos processos de controlo interno permite identificar falhas e limitações que, quando corrigidas, proporcionaram um melhor ambiente de controlo de culminará com melhores resultados.

A auditoria confere transparência e confiança, e melhora a imagem da empresa, contribuindo assim para a sua sustentabilidade futura. O que precisamos neste cenário de mudança é de confiança, e boas histórias para contar.



Together we succeed

Somos uma das **5** maiores redes de **Auditoria e Consultoria** do mundo, presente em **164** países, com mais de **1800** escritórios e **111 mil** profissionais.

A BDO está presente em **7** cidades em Portugal. Somos uma empresa global com uma forte presença local.



Audit & Assurance



Advisory



Tax



Outsourcing

BDO

EJM APRESENTA:

"INSPIRAR PARA LIDERANÇA"



Café com o
CEO



CONVIDADA

Adriana Dias

Administração de Empresas, especialista em Seguros

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

PCA

Presidente do Conselho de Administração da Central Privada de Informação de Crédito

Sócia Directora

El BRIT Brasil - Consultoria de Seguros

Co-Founder

Positiva Fintech, Gestão e Serviços Financeiros

Directora Executiva

Instituto Internacional de Línguas - INIL

Directora Executiva

IDEIA - Instituto de Desenvolvimento Educacional Internacional de Angola

14
JUL
2023

INÍCIO

18H

GERAL@CAFECOMCEO.COM

RESERVAS
LIMITADAS


FOCUS
Workplace Solutions

EDIFÍCIO MILLENNIUM, PISO 5
AVENIDA LENINE, Nº 123
CRUZAMENTO COM A RUA JOAQUI CAPANGO
INGOMBOTA - LUANDA



**O Jornal
Económico**

DELTA




TEIXEIRA DUARTE
ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES, S.A.



bureau.



GOSPELTV





+244 944 161 557